

Negociações entre Rússia e Ucrânia seguem sem avanço

Zelensky diz que os países deveriam discutir mais troca de prisioneiros

/ GUERRA DA UCRÂNIA

As mais recentes negociações mediadas pelos Estados Unidos entre enviados de Moscou e Kiev sobre a invasão total da Ucrânia pela Rússia terminaram ontem sem sinais de avanço e com ambos os lados dizendo que as conversas foram "difícies", a poucos dias do quarto aniversário da guerra, na próxima semana.

As negociações na Suíça foram a terceira rodada de conversas diretas organizadas pelos EUA, após reuniões mais cedo neste ano em Abu Dhabi que oficiais descreveram como construtivas, mas que também não geraram grandes progressos. O chefe da delegação russa, o conselheiro do presidente Vladimir Putin, Vladimir Medinsky, disse aos repórteres que as conversas dos últimos dois dias em Genebra "foram difíceis, mas objetivas". Ele acrescentou que outra rodada de conversas será realizada "em um futuro próximo."

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, também descreveu as discussões como "difícies" e acusou a Rússia de "tentar arrastar as negociações que já poderiam ter chegado ao estágio final". Já o enviado do presidente dos EUA, Donald Trump, Steve Witkoff, disse nas redes sociais que o esforço de Washington pela paz na Ucrânia ao longo do último ano "trouxe progressos significativos", sem dar detalhes.

Os dois exércitos permane-



Conflito entre as duas nações completa quatro anos na próxima semana

cem travados em batalha na linha de frente de aproximadamente 1.250 quilômetros, enquanto a Rússia bombardeia diariamente áreas civis da Ucrânia. Horas após o fim do primeiro dia de conversas, na terça-feira, drones russos mataram uma mulher e feriram uma menina de 6 anos e um bebê de 18 meses na cidade de Zaporizhzhia, no sul da Ucrânia, segundo autoridades.

O chefe da delegação ucraniana na Suíça, Rustem Umerov, disse que os oficiais estão tentando reconciliar as diferenças. "Consultas estão acontecendo em grupos de trabalho por áreas dentro das trilhas políticas e militares", escreveu o chefe da delegação ucraniana, Rustem Umerov, em inglês no X. "Estamos trabalhando nos esclarecimentos dos parâmetros e mecanismos das decisões discutidas".

Zelensky disse que as delegações também deveriam discutir mais trocas de prisioneiros de guerra e a liberação de prisioneiros civis. Ele revelou que os enviados ucranianos e americanos em Genebra se encontraram com representantes do Reino Unido, França, Alemanha, Itália e Suíça. A participação da Europa no processo é "indispensável", disse.

Líderes europeus, atentos às ambições mais amplas de Putin, dizem que sua própria segurança está em jogo na Ucrânia e insistem em ser consultados nos esforços de paz. Rússia e Ucrânia parecem ainda estar longe de um acordo em suas demandas por um acordo. Zelensky ofereceu um cessar-fogo e um encontro cara a cara com Putin. Mas Moscou quer um acordo abrangente antes de se comprometer com uma trégua.

Premiê do Japão quer ampliar cooperação com Trump

/ CONJUNTURA

A primeira-ministra do Japão, Sanae Takaichi, afirmou que pretende ampliar a cooperação com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e disse que deseja fortalecer a relação de confiança entre os dois países. "Gostaria de ampliar nossa cooperação com Trump e com os EUA", declarou, ao detalhar as prioridades de sua agenda externa.

Segundo a premiê, a aliança com Washington seguirá como pilar central da diplomacia japonesa. Takaichi afirmou, durante a coletiva de imprensa, que quer reforçar a coordenação em segu-

rança nacional e econômica e destacou que "ampliar a cooperação em segurança econômica com os EUA é uma das prioridades" de seu governo.

Takaichi também sinalizou que pretende tratar de minerais críticos em reunião com o presidente americano prevista para o próximo mês. "Quero conversar sobre minerais críticos com Trump", disse, ressaltando que esses insumos são estratégicos tanto para a indústria quanto para a segurança nacional. De acordo com a premiê, o desenvolvimento e a garantia de cadeias estáveis de fornecimento devem ser discutidos como parte de uma estratégia

conjunta no Indo-Pacífico.

No plano doméstico, Takaichi afirmou que trabalhará para aprovar o Orçamento dentro do atual ano fiscal, evitando impactos à população. Ela disse que pedirá cooperação da oposição e que respeitará o processo de construção de consenso, ouvindo diferentes opiniões para alcançar a melhor solução possível.

Sobre a proposta de zerar por tempo limitado o imposto sobre alimentos, reiterou que a medida foi defendida na campanha e que o governo buscará implementá-la "o mais rápido possível", após discussões técnicas e fiscais necessárias.

Irã, China e Rússia iniciam exercício naval em meio a tensões com EUA

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Irã, China e Rússia iniciam nesta quinta-feira exercício naval conjunto no Mar de Omã e no Norte do Oceano Índico, em meio à escalada de tensões entre Teerã e Washington. A manobra, batizada de "Cinturão de Segurança Marítima 2026", reunirá unidades das marinhas iraniana, russa e chinesa, além da Marinha da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), grupo paramilitar do país persa.

Segundo a agência estatal IRNA, o exercício será sediado pela Primeira Região Naval do Irã, em Bandar Abbas. Um porta-helicópteros da Rússia já atracou na base iraniana para participar das operações. O contra-almirante Hassan Maqsoudlou, porta-voz da manobra, afirmou que o objetivo central é "promover a segurança marítima e interações navais sustentáveis" na região.

De acordo com ele, a agenda inclui coordenação para proteção de navios comerciais e petroleiros, além de ações contra o terrorismo marítimo. O comandante da flotilha russa, capitão de primeira classe Alexey Sergeev, disse que o nível atual de cooperação demonstra

tra a capacidade dos três países de "gerenciar e resolver desafios marítimos e costeiros".

Em Moscou, o assessor presidencial Nikolai Patrushev informou que embarcações dos três países também foram enviadas ao Estreito de Ormuz para o exercício, realizado pela primeira vez em 2018 e já incorporado ao calendário regular de treinamentos conjuntos, acrescentou a agência ISNA.

A iniciativa ocorre enquanto os Estados Unidos reforçam sua presença militar próxima ao Irã. O presidente Donald Trump afirmou que o deslocamento busca pressionar Teerã a negociar, advertindo que, sem acordo, poderá haver um ataque "muito pior" que o realizado contra instalações nucleares iranianas em junho de 2015.

Teerã rejeita "ameaças e coerção" e sustenta que a diplomacia só pode avançar com "respeito mútuo". A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova, afirmou que "chantagem não ajuda no sucesso das negociações". Na terça, EUA e Irã discutiram em Genebra um marco estruturado para dar segurança ao diálogo nuclear.

Milei se reúne com líder norte-americano diante de cenário favorável à China

O presidente da Argentina, Javier Milei, está nos Estados Unidos para participar do primeiro de uma série de encontros com Donald Trump, em um momento em que o líder americano busca fortalecer laços com governos regionais e contrabalançar a influência da China, principal parceiro comercial da Argentina.

Milei participará do primeiro encontro do chamado 'Conselho de Paz', impulsionado por Trump, que será realizado nesta quinta-feira, em Washington, iniciativa voltada à mediação de conflitos internacionais, como a guerra no Oriente Médio. Pela América Latina, apenas Argentina e Paraguai integram o grupo. Em 7 de março, o argentino também participará de uma cúpula em Miami com líderes alinhados à agenda da Casa Branca.

Com essas reuniões, Milei somará sete encontros com Trump, igualando o premiê de Israel, Benjamin Netanyahu. Também se tornará o presidente argentino que mais viajou aos EUA, com 15 visitas, reforçando um alinhamento

político que contrasta com o peso comercial da China.

Milei já classificou o comunismo como "uma doença da alma" e não esconde sua preferência por Washington. Segundo o Indec, órgão de estatísticas do país latino, a China consolidou-se como principal parceiro comercial da Argentina. Em dezembro, as exportações ao país asiático somaram US\$ 761 milhões (+125% em um ano) e as importações, US\$ 1.552 bilhão. Soja, carne bovina e carbonato de lítio lideram a pauta. Brasil e EUA aparecem na sequência.

Apesar do discurso crítico, analistas apontam que a presença chinesa cresceu sob Milei, inclusive em setores estratégicos como lítio, energia e infraestrutura. Argentina e EUA assinaram neste mês acordo que eliminou centenas de tarifas recíprocas, após Washington conceder apoio financeiro de US\$ 20 bilhões ao governo argentino. Em janeiro, Milei afirmou priorizar a "aliança geopolítica" com os EUA, mas descartou romper laços comerciais com a China.